

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E SUAS RELAÇÕES COM O PENSAMENTO DE SARTRE

Some considerations on Merleau-Ponty's philosophy and its report towards Sartre's thought

Miguel Mendonça de Alvarenga*

Resumo: No artigo, discuto alguns dos principais elementos da polêmica entre Sartre e Merleau-Ponty. O objetivo é elucidar os argumentos envolvidos em sua disputa. Para tanto, apóio-me, sobretudo, na troca de três cartas estabelecida entre os dois autores no princípio da década de 1950 e que vieram à luz na década de 1990, tendo sido comentadas pela professora Marilena Chauí. O artigo também apresenta as principais razões da ruptura entre os filósofos, cuja principal talvez tenha sido a publicação de *Os comunistas e a paz*, uma série de artigos escritos por Sartre para a revista *Les Temps Modernes*, que marca sua aproximação ao Partido Comunista Francês (PCF) e, aos olhos de Merleau-Ponty, o abandono do projeto de uma esquerda independente do comunismo soviético. Finalmente, também discuto alguns tópicos do marxismo merleau-pontyano, tais como são expostos no prefácio de seu livro *Sinais*.

Palavras-chave: Sartre. Merleau-Ponty. Marxismo.

Abstract: In the article, I discuss some of the key elements of the controversy between Sartre and Merleau-Ponty. The goal is to elucidate some arguments involved in their dispute. For that, I comment, particularly, an exchange of three letters between the two authors in the 1950's and which came to light in the 1990's, having been discussed by Professor Marilena Chauí. The article also presents the main reasons for the rupture between the philosophers, which the main one was perhaps the publication of *Les communistes et la paix*, a series of articles written by Sartre to the magazine *Les Temps Modernes*, which mark his commitment to the French Communist Party (PCF) and, at the eyes of Merleau-Ponty, the abandonment of the project of a left independent from Soviet Communism. Finally, it discuss some topics of Merleau-Ponty's Marxism, such as they are exposed in the preface to his book *Signs*.

Keywords: Sartre. Merleau-Ponty. Marxism.

*Departamento de filosofia da Universidade de Brasília (UnB) Contato: migmend@terra.com.br

Neste capítulo, tentarei tecer um breve comentário sobre a filosofia de Merleau-Ponty, sobretudo no que concerne às cartas que o filósofo trocou com Sartre no início da década de 1950 e que culminaram com a ruptura entre os velhos amigos. Outro escrito do autor que discutirei com mais cuidado é *Sinais*, interessante obra merleau-pontiana para pensar política e marxismo.

A professora Marilena Chauí, em seu comentário às cartas entre os autores, periodiza a relação entre os dois filósofos em três épocas: a primeira seria imediatamente posterior à atividade política da Resistência e teria como marco o grupo “Socialismo e Liberdade”. É o momento da revista *Les temps modernes*, em que Sartre figurava como diretor e Merleau-Ponty como diretor político e editorialista; a segunda seria a da ruptura e teria como marcos o texto *Elogio da Filosofia* (pelo lado de Merleau-Ponty) e *Os Comunistas e a Paz* (pelo de Sartre), que traduzo; a terceira estaria plasmada no restante da obra merleau-pontiana e nos ensaios preparatórios à *Crítica da Razão Dialética* (na de Sartre).

Nessa época (1950-1953), o mundo não tinha mais medo de Deus, mas temia bastante uma guerra nuclear. O lema do século XIX: “Deus está morto” era apropriado e repetido pela juventude beatnik. Como na época da Revolução Francesa, em que se podia ver a multidão carregando um prelo à Bastilha, esse foi um tempo de grande proliferação de publicações. Muita gente querendo persuadir muita gente. Atmosfera proporcionada pela efervescência política.

Nesse momento, a tópica do engajamento ocupava uma posição central no debate entre Merleau-Ponty e Sartre. Os dois se apresentam como intelectuais engajados, mas com concepções distintas do que possa significar o termo. Marilena Chauí elenca alguns motivos para a ruptura entre os dois filósofos ou, ao menos, elementos que a propiciaram:

a exigência de Camus, aceita por Sartre, de que Merleau-Ponty não compusesse a mesa da assembléia fundadora da Reunião Democrática Revolucionária (RDR), movimento antiamericanista e anticomunista; a conferência de Merleau-Ponty sobre as relações entre filosofia e política; a publicação, em *Les temps modernes*, do primeiro artigo de Sartre da série *Os Comunistas e a Paz*, com réplica de Lefort e tréplica de Sartre; a duríssima conversa entre Merleau-Ponty e Sartre, quando o primeiro anuncia que publicará sua conferência sobre as relações entre filosofia e política e exporá suas divergências com Sartre e este anuncia a censura que imporá à publicação de tal artigo (que iria transformar-se no capítulo “Sartre e o ultrabochevismo”, em *As aventuras da dialética*, de Merleau-Ponty). O núcleo da desavença é a súbita e inexplicável mudança da posição de Sartre, que passou do anticomunismo à defesa incondicional dos comunistas, desavença que já se anunciava quando, nos anos precedentes, Merleau-Ponty, diferentemente de Sartre, recusou-se a assinar inúmeros manifestos comunistas e anticomunistas porque, segundo ele, tendiam, na realidade, a reforçar a corrida armamentista da URSS, sob a aparência de pacifismo (do lado anticomunista) e de defesa da revolução proletária (do lado comunista)¹.

¹ CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 261.

O principal argumento de Sartre para defender o Partido Comunista Francês (PCF), é que, quando atacado, um partido comunista deve ser defendido por todas as esquerdas. No livro, Sartre lembra que o PCF ganhava mais de 6 milhões de votos na época e que esse fato não poderia ser desprezado. Era o mais poderoso partido a representar o proletariado francês e a única esperança para essa classe social. Sem o partido comunista, não haveria proletariado. Sem ele, não haveria nem classe universal, nem emancipação humana.

Merleau-Ponty, ao contrário, associa a própria crise da idéia de revolução ao bolchevismo, na medida em que os PCs substituiriam a idéia marxiana de “desenvolvimento da consciência de classe” pelo conceito bolchevique de “interesses do partido”. Em sua crítica a Sartre, Merleau-Ponty aponta para os pontos em que o existencialista teria se afastado de Marx (como no que concerne às mediações entre a subjetividade e a objetividade) e lembra o fato de o autor ter se aproximado dos comunistas sem nunca se dizer marxista.

No curso da polêmica, é importante frisar, como faz a professora Marilena Chauí, que, em momento nenhum, Sartre filiou-se ao Partido Comunista e, todo o tempo, manteve aberta a linha editorial de *Les temps modernes* a “todas as tendências de esquerda”, mas afirmando, enfaticamente, que o PCF não poderia ser excluído, dado o fortalecimento, em curso, da direita. Merleau-Ponty, por sua vez, viu nisso a morte do projeto neutralista – em relação a EUA e URSS – que havia animado a revista.

Como chave para compreender a diferença entre a concepção de engajamento nos dois filósofos, cito Chauí:

Nas cartas da querela que separará os amigos, Sartre cobra de Merleau-Ponty não engajar-se verdadeiramente. Merleau-Ponty cobra de Sartre a entrega a um engajamento às cegas, que o deixa ao sabor dos acontecimentos².

A Segunda Guerra Mundial foi um divisor de águas para a filosofia de Sartre. Mas também o foi para Merleau-Ponty e, no seu entender, para todos os franceses, no que concerne à forma como concebiam o humanismo e aderiam a ele. Sartre lembra, por exemplo, em *Questões de Método*, que toda sua formação ocorrera sob o humanismo burguês, espiritualista e idealista, que vigia na França. Para ele, mesmo antes da guerra, já era possível sentir o esfacelamento desse humanismo, por meio do existencialismo por exemplo. De maneira idealista e individualista, propunha que a existência é um escândalo. Marx, por sua vez, era completamente execrado no ambiente universitário francês da década de 1920, a que Sartre se refere. Diz ele que a aversão à dialética era tão grande que nem Hegel era conhecido e que os estudantes comunistas nunca citavam Marx em seus trabalhos, uma vez que seriam fatalmente reprovados nos exames, se o fizessem.

² CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 264.

Merleau-Ponty também se referia ao esfacelamento do otimismo humanista e da boa-consciência francesa com a guerra, que

trouxe a evidência bruta e irrecusável do peso das relações sociais porque estas não são relações imediatas entre consciências, mas relações mediatizadas pelas coisas e pelas instituições... Na universidade, professores ensinavam que guerras nascem de mal-entendidos que podem ser dissipados ou de acasos que podem ser conjurados pela paciência e pela coragem³.

Interessante, também, é a correlação que Chauí estabelece entre “a política cartesiana” dos intelectuais e professores, o solipsismo e a total falta de compreensão da história. Assim, as pessoas que exerciam essa “política da liberdade das consciências individuais” igualaram, por exemplo, chefes e povo no colaboracionismo (com os nazistas, quando da ocupação alemã na França da Segunda Guerra Mundial) “como se fosse a mesma coisa optar pela colaboração e não poder recusar trabalhar e prestar serviço aos ocupantes”⁴.

Mas esse tipo de idealismo universitário era um dos dois pilares da crítica de Merleau-Ponty e de Sartre ao pensamento político de sua época. A outra era ao que o primeiro chamava de “mecanicismo dialético” e que o segundo denominava “escolástica da totalidade”, ambos se referindo a uma filosofia da história “esclerosada pela cisão entre uma teoria idealista e uma práxis empirista”⁵. Esses termos adjetivam o marxismo oficial dos PCs na época. É nesse diapasão que deve ser compreendida a enorme indignação de Merleau-Ponty com Sartre, quando da publicação de *Os Comunistas e a Paz*. Ali, o filósofo via a implosão de um dos pilares: o da crítica ao stalinismo.

Para Merleau-Ponty e Marilena Chauí, é fundamental a discussão ontológica para compreender os posicionamentos políticos distintos entre os dois autores. Para o francês e para a brasileira, haveria, em Sartre, uma filosofia da negação em que ser e nada, mundo e consciência, apareceriam absolutamente incomunicáveis. Não haveria a mediação do social entre o em-si (mundo) e o para-si (consciência), como propõe Merleau-Ponty. A consequência disso é que Sartre se entregaria a uma filosofia que buscaria apaixonadamente o ser, para transformá-lo no que ela pensa e quer. Já Merleau-Ponty, que parte do pressuposto de que estamos contaminados, desde a origem, pelo ser, buscaria o afastamento em relação aos fatos, para poder compreendê-los melhor em uma totalidade. Sartre entregar-se-ia a eles e, agindo assim, não os compreenderia a partir do sentido que ganham em uma totalidade, mas teria deles uma visão parcial, entregue ao sabor do momento. Dessa forma,

³ CHAUÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 269.

⁴ CHAUÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 270.

⁵ CHAUÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 266.

ao escrever em conta-gotas sobre cada acontecimento, o escritor induz o leitor a aceitar fatos isolados que recusaria se pudesse ter uma visão mais abrangente, ou, ao contrário, o induz a recusar como odiosos fatos isolados que, se percebesse de maneira mais abrangente, aceitaria. Essa vigília engajada é, afinal, má-fé. Não informa, não analisa, não reflete, corre e muda ao sabor dos eventos, de tal modo que se fosse dado ao leitor, um dia, reunir o conjunto de manifestos e pequenos artigos diários ou mensais de um intelectual engajado ou de um comentarista político perceberia a incoerência, a leviandade, a irresponsabilidade daquele que escreve⁶.

Já Sartre vê, nisso, um pretexto para abandonar o engajamento. Não é possível ser e não ser engajado ao mesmo tempo.

A política, escreve ele, é ação fundada numa escolha objetiva, a partir dos dados e fatos disponíveis. Se a filosofia for, como pretende Merleau-Ponty, a exigência de, antes de escolher, colocar-se num distanciamento que permita apreender totalidades parciais e não os fatos isolados que formam nossa experiência cotidiana, então, escreve Sartre “um filósofo hoje não pode tomar uma atitude política⁷”.

Assim, Merleau-Ponty explicaria a inconstância das posições políticas de Sartre, que ora se define como individualista anarquista, ora como simpatizante não marxista do comunismo, ora como não simpatizante marxista do comunismo etc. Um filósofo que muda suas posições ao sabor do vento, não por falta de caráter, mas pelas exigências de sua própria filosofia. Sartre retruca que nunca teremos um saber total sobre a história, a situação, sempre agimos sem esse conhecimento. No entanto, é necessário reagir ao que é urgente. Diz Sartre:

Tens o direito de escrever teus livros; tens o direito de nada fazer; tens o direito à filosofia como reflexão rigorosa. Mas não tens o direito de criticar os que fazem política e assumem o risco de fazê-la em condições humanas, isto é, tateando, errando e acertando⁸.

Outra crítica de Merleau-Ponty a Sartre é a de que, por trás de sua falsa modéstia, haveria um grande presunçoso, que pretenderia ter encontrado “em pensamento e em imaginação, um futuro fixo, mantido em segredo, que regula clandestinamente o curso dos acontecimentos, aconteça o que acontecer⁹”.

Esse ponto de vista da totalidade, de acordo com Merleau-Ponty, tornaria irrelevante, aos olhos de Sartre, a pena de ter praticado os atos empíricos, pois eles perderiam, completamente, sua

⁶ CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 278.

⁷ CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 276.

⁸ Apud CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 276.

⁹ CHAUI, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 279.

relevância diante do todo. Isso explicaria a “irresponsabilidade cotidiana” de Sartre. Para Merleau, ao contrário, cada ato, cada gesto, cada palavra, cada pensamento contam na determinação da história e da política.

Sartre podia afirmar que sua obra já realizada deveria ser esquecida a cada nova circunstância. Julgava, com isto, demonstrar seu compromisso com a filosofia e a política. Merleau-Ponty, ao contrário, exigia de sua obra retomada contínua, constância para que as reformulações tivessem sentido e fizessem sentido. Sartre viveu a alegria inflamada da tomada de posição contínua. Merleau-Ponty, a exigência de um pensamento capaz de modificar-se sob a solicitação dos acontecimentos, mas jamais para satisfazê-los¹⁰.

Nesse contexto, Merleau-Ponty também desenvolve seu *Elogio da Filosofia*, que surgiu a partir da aula inaugural que proferira no *Collège de France*. Nesse texto, o filósofo apresenta sua célebre idéia das relações difíceis do filósofo com a cidade. Por meio dessa tópica, *Merleau-Ponty* também marca a diferença com Sartre. Pensa o filósofo que a cidade exige sempre do filósofo aquilo que ele não lhe pode dar: a adesão imediata, sem maiores considerações. De acordo com ele, é exatamente isso que Sartre daria com sua coragem destemida. Para Merleau-Ponty, há “um mau casamento entre a filosofia e a política quando a primeira, em nome da segunda, se faz má-fé, e a segunda, em nome da primeira, se torna abstração¹¹”.

Para Marilena Chauí, foi a briga entre os dois filósofos o maior motivo para que Sartre escrevesse a *Crítica da Razão Dialética*. O objetivo do livro seria reconstituir as mediações que constituiriam o tecido social e histórico, a partir das críticas de Merleau-Ponty. Poderíamos pensar em uma resposta a Lukács também, por parte do escritor, uma vez que ele se refere diretamente ao marxista em *Questão de método*. O acerto de contas com um pensador que lhe havia dirigido críticas acerbadas em *Existencialismo ou marxismo*. Aí, para além das estruturas da intersubjetividade e do para-outro, apresentadas em *Ser e o Nada*, surgem, na filosofia de Sartre, noções próprias ao que ele chamaria de prático-inerte em *Crítica da Razão Dialética*. O conceito de trabalho, a teoria do grupo, classe social, luta de classes como motor da história etc. Sartre passa a distinguir dois princípios que, para muitos, seriam antagônicos, mas que, para ele, seriam compatíveis: o de individualismo metodológico, que preservaria, de alguma forma, as filosofias da reflexão, com o de uma antropologia histórica, que definiria a pessoa concreta por sua materialidade.

Lendo as cartas, um argumento que também me parece importante, brandido por Sartre no debate, é o da possibilidade de uma convivência entre sua posição e a de Merleau-Ponty. Não seriam antagônicas como o último pensava. Sartre lembra, logo no início de sua primeira carta, que a posição do amigo é, a um só tempo, legítima e injustificável. Legítima enquanto não se tenta justificá-la. Para

¹⁰ CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 281.

¹¹ CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 282.

Sartre, aparece como legítimo que um filósofo opte pelo rigor do pensamento e decida abandonar a política, para se dedicar à filosofia. Se o amigo deixasse de agir para escrever um livro primoroso, como *Humanismo e Terror* e *A percepção*, poderia ser até melhor mesmo que o fizesse. O importante, para Sartre, é que essa decisão se circunscrevesse a uma escolha subjetiva, a uma questão de vocação. O problema é que o amigo iria além e ao invés de dizer: “eu faria bem em me abster. Passa a ser aquele que diz aos outros: *é preciso* abster-se.¹²”, passa a atacar posições engajadas, como a do escritor.

se, em nome desse gesto individual, você discute a atitude daqueles que se conservam no terreno *objetivo* da política e tentam, dentro dos seus limites, decidir-se com base em motivos objetivamente válidos, você então se torna passível, também você, de uma apreciação objetiva¹³.

Assim, a escolha merleau-pontiana não seria rigorosa, pois, para sê-lo, deveria se limitar à pura reflexão sobre a história e a sociedade. Ela não faz isso e acaba por se constituir em uma contradição, que busca destruir uma política sem propor outra. Sartre não admite, de forma alguma, que Merleau-Ponty o censure de fora de uma posição política. Se o faz, é só uma desculpa para deixar de se engajar e atacar, antes, aqueles que poderiam o atacar depois. Censura o amigo por não ter acompanhado o grupo de *Les temps modernes* em seus esforços nas questões dos Rosenberg e de Henri Martin

dois casos importantes na militância dos anos 50; o processo do casal Ethel e Julius Rosenberg, executado nos Estados Unidos em 1953 sob acusação de espionagem atômica em favor da União Soviética, e o do marinheiro Henri Martin, preso na França por distribuir panfletos contra a guerra que seu país travava na Indochina¹⁴.

Por não ter se movido, com eles, contra a guerra da Indochina (quando os vietcongues ainda lutavam contra as tropas coloniais francesas no Vietnã), no Comitê pelas Liberdades, quando o principal alvo eram as perseguições políticas contra os comunistas, como no caso da caricatural prisão de Duclos. Sartre acreditava que, por não se mover em nenhuma dessas ocasiões, Merleau-Ponty tinha perdido o direito de criticá-lo de dentro da equipe. Crítica que poderia abrir um diálogo político. Ao que o filósofo retrucava, que não devia nenhum compromisso com essas posições, uma vez que o amigo sempre havia feito questão de mostrar que suas posições eram pessoais, como quando criou o *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire* (RDR) – um partido político fundado por Sartre e outros intelectuais que pretendia agrupar a esquerda socialista e revolucionária independente do PCF –

¹² Apud CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 290.

¹³ Apud CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 290.

¹⁴ CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 294.

sem avisar Merleau, ou se aproximou do PCF sem avisá-lo. Não eram posições tomadas em conjunto, como o próprio Merleau gostaria que fossem. O filósofo chega a lembrar, na carta, que quando da polêmica discussão sobre os campos soviéticos, procurou Sartre e mostrou um texto para que assinassem juntos. Comportamento que, queixa-se, Sartre nunca tivera em relação a ele. Muito pelo contrário.

Merleau-Ponty lembra que, ao contrário do que Sartre aponta, há uma linha de continuidade de sua relação entre filosofia e política; que ele não teria se afastado da política, a partir de 1950, para fazer filosofia. Desde 1948, Merleau-Ponty se negava a abandonar o ensino, como fizera Sartre, porque queria continuar a fazer filosofia. Também lembra não ter entrado no Conselho Nacional dos Escritores (CNE) – órgão que congregava os escritores franceses saídos da Resistência, na década de 1940, e que elaborou listas de escritores colaboracionistas, que seriam punidos e alienados da vida intelectual francesa – e trabalhado para *Lettres françaises*, por exemplo, para não se tornar um “escritor da Resistência”. O filósofo também se contrapõe às acusações de Sartre lembrando-o que dera conferência em 1951 sobre política e que pretendia anexar à “Prosa do Mundo” uma terceira parte sobre revolução, mas que o que ocorrera é que nunca quisera – e reforçava essa posição desde a Guerra da Coreia – tornar-se um escritor de atualidades

O engajamento em *cada* acontecimento isoladamente torna-se, em período de tensão, um sistema de “má-fé”... Há acontecimentos que permitem, ou melhor, exigem ser julgados imediatamente e em si mesmos: por exemplo, a condenação e execução dos Rosenberg... mas, o mais das vezes, o acontecimento só pode ser apreciado no quadro global de uma política que lhe muda o sentido, e seria artificioso e astucioso requerer o julgamento sobre cada ponto separado de uma política, em vez de considerá-la na sua ordem e em sua relação com a do adversário: isso permitiria fazer engolir no varejo o que não seria aceito no atacado, ou, ao contrário, em tornar odioso, pela soma de pequenos fatos verdadeiros, aquilo que, visto em conjunto, está na lógica da luta¹⁵.

Assim, Merleau-Ponty se abstém de tomar posição em fatos como a Guerra da Coreia, a invasão do Laos, o citado apelo de Estocolmo pela paz, não porque, individualmente, essas posições não fossem moralmente atrativas. De fato, era muito fácil simpatizar com uma intervenção política dos norte-coreanos no sul, com um apelo pelo fim da ameaça nuclear e pela paz, com uma crítica à invasão do Laos, quando esses fatos eram tomados em si mesmo. Mas quando compreendido tudo isso em um contexto mais amplo, de um mundo tensionado pela guerra fria, as coisas mudariam de aparência.

mesmo sem imaginar por um instante sequer que a União Soviética puxe todas as cordinhas, é artificial – e artificioso – fazer como se os problemas se colocassem um a um e dissolver numa série de questões aquilo que, historicamente, constitui um conjunto. Se *queremos a coexistência*, não podemos exigir que o mundo capitalista atribua a “movimentos sociais” aquilo que, no local, é igualmente uma ocupação

¹⁵ CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 301-302.

militar; e, se o exigirmos, é porque não queremos a coexistência, mas a vitória da União Soviética¹⁶.

Em, *Temps Modernes*, Merleau-Ponty propunha a Sartre que visassem menos o coração e mais o cérebro dos leitores. A ideia de fazer a ida e a vinda entre o acontecimento e a linha geral. Seria antes de tudo uma forma de desvelar o *sentido* do acontecimento, uma vez que permitiria que o distanciamento desarmasse a “armadilha do acontecimento”. Tratava-se disso, muito mais do que de uma separação entre a filosofia e o mundo. O filósofo também ressaltava que sempre criticara aqueles que concebiam a filosofia como algo fora do tempo. Pare ele, “a filosofia é uma atitude no mundo”, não uma abstenção; não está reservada, em absoluto, ao filósofo de profissão, e ele a manifesta fora dos livros que escreve.

Merleau-Ponty também retruca a acusação de Sartre e mostra que assinou uma petição em favor de Rosenberg, ao mesmo tempo em que se recusava a participar de comício dos comunistas contra a execução do casal, que, para ele, só serviria para convencer ainda mais Eisenhower contra o indulto.

Interessante também que Merleau-Ponty passasse a aplicar a análise subjetiva (tipicamente sartriana) de que estava sendo alvo ao próprio Sartre e tentasse mostrar que sua pretensa objetividade se fundava em uma “lei do coração”.

Uma das diferenças que Merleau-Ponty estabelece de sua atitude em relação à de Sartre é que, ao contrário do último, teria uma tendência a viver o presente e não o futuro, como o amigo. De fato, se analisarmos o pensamento sartriano, veremos que é uma filosofia marcada pela relação com o futuro. Sartre criticava Freud, por exemplo, por explicar o homem a partir de seu passado, de sua infância, com o complexo de Édipo. Para Sartre, muito mais importante é o futuro, quer dizer, o(s) projeto(s) da realidade humana. É a partir deles que o passado, parte do ser, do em-si, é nadificado. O próprio passado ganha sentido, diante da consciência, é compreendido, a partir dos projetos (e, em última análise, do projeto original) que ela concebe. Se quisermos compreender um ser humano, devemos olhar para o seu futuro, não para seu passado. Escrevia Merleau-Ponty em sua carta:

Você tem uma facilidade em construir o futuro e em viver nele que é inteiramente sua. Eu tenho mais a viver no presente, deixando-o indeciso e aberto, como é de seu feitio. Não é que eu construa um futuro diferente (seria possível fazê-lo, e cada vez mais a ruptura da Europa com os Estados Unidos e a mudança da política comunista na Rússia e em outros lugares constituem coisas prováveis). Não é que eu seja um “homem revoltado”, menos ainda, um herói. Minha relação com o tempo se faz, sobretudo, pelo presente, isso é tudo. Não tenho a menor intenção de impô-la a você. Afirmo, apenas, que ela tem seu valor próprio, e não admito que seja reduzida a uma falta¹⁷.

¹⁶ Apud CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 302.

¹⁷ Apud CHAÚÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002, p. 312.

Acredito que essas sejam as principais idéias em jogo na troca de cartas entre os dois filósofos. Agora, pretendo apresentar algumas idéias do prefácio que Merleau-Ponty escreveu para seu livro *Sinais*. Por meio dele, é possível vislumbrar suas posições do final da vida e ter uma noção das relações que estabelecia com o marxismo na época.

O prefácio de *Sinais* é assinado por Merleau-Ponty em fevereiro e setembro de 1960. É nesse texto que o filósofo escreve suas famosas palavras sobre filosofia e política, logo na primeira página:

Ainda que, em filosofia, o caminho seja difícil, temos a certeza de que cada passo torna, por si mesmo outros possíveis. Em política, sentimos a dolorosa impressão de uma travessia de obstáculos que temos sempre de recomeçar de novo¹⁸.

Merleau-Ponty já proclamava, naquela época, o fim da Guerra Fria e propunha um tipo de regulamentação democrática da economia, tamanha a desordem com que a sociedade industrial se desenvolvia. Mas, no contexto do gaullismo, criticava o bonapartismo, a história estacionária, a Igreja, que buscava se reconstituir como religião de Estado e que reprimia em todos os campos, a começar pelas suas próprias fileiras, “o espírito de procura e a confiança na verdade”.

Como mencionara na carta a Sartre, Merleau via em curso na URSS um processo de desestalinização, de ultrapassamento do espírito de guerra social, vigente até então no país, e ressaltava a demora para que esse processo chegasse aos partidos comunistas francês e italiano, tão engajados em suas campanhas anti-revisionistas. Merleau-Ponty insistia na necessidade de separação entre filosofia e política e lembrava a posição dos leitores e escritores marxistas que se dividiam em diversos aspectos, mas que concordavam quanto à necessidade de separação entre filosofia e política. Tentavam mais do que ninguém viver ao mesmo tempo nos dois planos. A sua experiência dominava o problema, e era através dela que o mesmo deveria ser reconsiderado.

Para Merleau-Ponty, a mania que houve, pouco antes de ele escrever suas linhas, entre os filósofos de serem, também, políticos, não havia gerado nem uma boa política nem uma boa filosofia. O filósofo lembra, com brilhantismo, uma grande diferença no que concerne a um primeiro momento do marxismo, quando este ainda estava imbuído de boa metafísica e o momento da época, em que havia sido reduzido

à política de pura tática, série descontínua de ações e de episódios sem futuro, (em) que se ligavam todas as formas do espírito e da vida. Em vez de unirem as suas virtudes, filosofia e política estabeleceram desde então uma permuta dos próprios vícios: seguia-se uma prática artilosa e um pensamento supersticioso. A propósito de um voto do grupo parlamentar ou de um desenho de Picasso, quantas horas, quantos argumentos gastos, como se a História Universal, a Revolução, a Dialética, a negatividade, estivessem realmente presentes nestes magros espécimes. Na verdade, privados de todo o contacto com o saber, a técnica, a arte, as mutações da

¹⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962, p. 7.

economia, os grandes conceitos histórico-filosóficos estavam exangues, e – excepto nos melhores –, o rigorismo político dava a mão à preguiça, à falta de curiosidade, à improvisação. Se assim era o casamento da filosofia com a política, pensamos dever congratularmo-nos com o seu divórcio. Escritores marxistas romperam com tudo isto e retomam o seu papel: que poderia haver de melhor? Não obstante, há uma “má” ruptura entre a filosofia e a política pela qual nada se salva, e que abandona ambas à sua miséria¹⁹.

Lendo essa linhas, não posso deixar de pensar em Lukács, esse marxista que, além de ter sido o maior discípulo de Marx no século XX, como reconhece Raymond Aron, foi, no longo período de sua vida, um militante político, um filósofo-homem de ação, mas que deixou o ativismo político já na década de 1930 e que reconhecia Stalin como o homem que pegou a União Soviética com o arado e deixou-a com a bomba atômica (possibilitando, inclusive, o desempenho muito mais eficaz na segunda do que na primeira guerra mundial da economia de guerra russa). Apesar disso, apontou, em sua entrevista de 16 de fevereiro de 1962 a Frank Benseler, do *Der Spiegel*, dois anos após o texto merleau-pontiano em tela, para a completa estagnação da política mundial na época e para o fato de que Stálin havia sido um excelente administrador, mas não sabia nada de filosofia. Um grande tático, miserável em estratégia. E para Lukács, não poderia existir tática revolucionária sem estratégia revolucionária, sem pensamento revolucionário. Daí todo seu esforço não em se constituir como “intelectual engajado”, mas como escritor marxista (tal como definido por Merleau-Ponty) e que, inclusive, buscava essa dimensão metafísica do marxismo, escrevendo, então, o que se tornaria sua nova e rica *Ontologia do Ser Social*. Dizia o velho húngaro na entrevista:

eu mesmo, desde 1930, não sou mais um ativista político e tento agora, como ideólogo, trazer à tona aquilo que constitui o essencial no marxismo. Com isso, quero contribuir para o conhecimento de como efetuar, em campos diversos e sob formas diversas, uma transformação política real.

Spiegel: O senhor está trabalhando em algum livro novo?

Lukács: escrevo uma *Ontologia do ser social* – a primeira desde Marx. Um trabalho assim, por sua limitação, parece estar em contradição com o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores. Pois este se tornou influente com pessoas como Marx, que foi, ao mesmo tempo, um grande ideólogo e um grande político. A ele seguiram-se Engels e Lênin, que também reuniram as duas coisas. Isso não é, porém, uma lei histórica necessária. Stálin, por exemplo, que foi um bom organizador e um tático habilidoso, nunca entendeu nada de ideologia e foi, por isso, apenas um administrador. E dizer que os vários primeiros-secretários que aqui tiveram lugar – Rákosi na Hungria, por exemplo – tinham alguma competência para questões ideológicas é simplesmente risível.

Spiegel: Sem dúvida, a guerra contra Hitler exigia um talento muito mais tático que ideológico.

Lukács: os dois grandes movimentos de inflexão de nosso período – se Hitler ou o *American way of life* seria o senhor do mundo – foram interditados pelo socialismo *tel quel*, pelo socialismo de cunho stalinista. Por meio do Pacto de Molotov, Hitler tornou possível a Guerra Mundial – e com isso as forças do ocidente se viram pressionadas a se voltar contra ele. Sem o acordo da bomba atômica, os estados

¹⁹ MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962, p. 12.

Unidos nunca teriam permitido que a União Soviética fizesse o transporte de armas para o norte do Vietnã – e sem esse transporte de armas os vietcongs teriam sido maltratados por muito tempo. Apesar disso, do ponto de vista ideológico, hoje estamos todos, de certa forma, vis-à-vis de rien. Por isso, o renascimento do marxismo deve fornecer uma base ideológica para os políticos, pois, tão pouco quanto o próprio Marx, considero ser sempre o acaso que decide quem, num determinado momento, subirá ao topo do movimento dos trabalhadores²⁰.

No prefácio, redigido antes da publicação do livro em que o húngaro trabalhava, durante a entrevista, Merleau-Ponty refere-se diretamente à figura de Lukács, escrevendo que seus escritos não constituíam sequer um esboço muito reticente da tentativa de redefinir as relações do jovem Marx com Marx, de um e outro com Hegel, de toda esta tradição com Lênin, de Lênin com Stalin e mesmo com Khruchchev, e as relações do hegel-marxismo com tudo quanto o precedeu e seguiu, enfim a refundação de uma filosofia marxista. Para Merleau-Ponty, a própria pergunta a alguém se ele é marxista já é uma má pergunta e a resposta também não será boa. É que para definir o que seria essencial ao marxismo seria necessário fazer todo esse trabalho de redefinição.

Tampouco o autor desloca a discussão para uma questão falso/verdadeiro. “Até nas ciências um conjunto teórico superado pode ser reintegrado na linguagem do conjunto que o supera, permanecendo significativo, guardando sua verdade²¹”. Para o filósofo, as teses de Marx podem continuar verdadeiras como o teorema de Pitágoras. Não como verdade idêntica e propriedade do próprio espaço, mas como “propriedade de certo modelo de espaço entre outros possíveis”. Marx como clássico, que não se toma ao pé da letra, mas que sempre espalha sua competência sobre os novos fatos, sempre nos ensina algo sobre eles.

Essas são as principais considerações que eu gostaria de fazer o debate entre Sartre e Merleau-Ponty, com o marxismo ao fundo.

²⁰ LUKÁCS, G. “Der Spiegel entrevista o filósofo Lukács”. Rainer Patriota. *Verintio revista online*. IX/2008, 333-350. <http://www.verintio.org/conteudo/0.74809810123229.pdf>. 14/06/2012, p. 349-350.

²¹ MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962, p. 17.

Referências:

- CHAUÍ, M. *Experiência do Pensamento*. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2002.
MERLEAU-PONTY, M. *Sinais*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962.